



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES - DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**GIRLAI DE SOUZA CAVALCANTE**

**O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA NAS PRÁTICAS ESCOLARES DA  
LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO MÉDIO**

GUARABIRA – PB

2016

GIRLAI DE SOUZA CAVALCANTE

**O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA NAS PRÁTICAS ESCOLARES DA  
LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA – PB

2016

C376g Cavalcante, Girlai de Souza  
O gênero textual crônica nas práticas escolares da leitura e da escrita no Ensino Médio. [manuscrito] / Girlai de Souza Cavalcante. - 2016.  
22 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento de Letras".

1. Gêneros textuais. 2. Crônica. 3. Leitura e escrita. I.  
Título.

21. ed. CDD 372.6

GIRLAI DE SOUZA CAVALCANTE

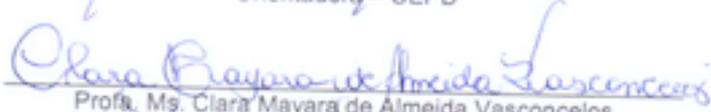
## O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA NAS PRÁTICAS ESCOLARES DA LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO MÉDIO

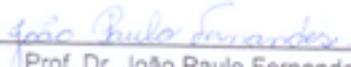
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Aprovado em 21 de outubro de 2016.

### BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva  
Orientadora – UEPB

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos  
Examinadora – UEPB

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. João Paulo Fernandes  
Examinador - UFPB

# O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA NAS PRÁTICAS ESCOLARES DA LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO MÉDIO

CAVALCANTE, Girlai de Souza<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho vem apresentar a importância de trabalhar o gênero textual crônica nas práticas escolares da leitura e escrita no Ensino Médio. Pelo fato de mesmo apresentar uma narrativa curta, focada em temas cotidianos, este gênero é muito acessível à prática de leitura e da produção escrita. Por seu caráter informativo e sua relação com temas difundidos socialmente, no ambiente escolar, pode desenvolver no educando habilidades de linguagem, com autonomia e favorecer a interação e o diálogo. Nossa metodologia se baseou em uma atividade realizada com alunos do Ensino Médio, que leram e produziram suas próprias crônicas. Assim, este trabalho encontra-se embasado em autores como Soares (2007), Geraldi (2006), Dionísio (2007), dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros Textuais. Crônica. Leitura e Escrita.

## 1 INTRODUÇÃO

A crônica é um texto narrativo geralmente curto a qual trata de fatos do cotidiano, assuntos comuns do dia a dia, trazendo fatos relacionados às pessoas comuns. As personagens não têm aprofundamento psicológico, são apresentadas em traços rápidos e se organizam em torno de um único núcleo, um único problema e tem como objetivo envolver e emocionar o leitor.

Escrito com objetivo de divertir o leitor e /ou levá-lo a refletir criticamente sobre a vida e o comportamento humano. É um ótimo instrumento a ser usado em sala de aula, com a finalidade de estimular a leitura e a escrita. Possui a capacidade de entreter, distrair ou divertir por causa da sua essência própria e diferente. O cronista tira os seus temas do próprio cotidiano e fala de tudo, de política a sentimentos pessoais, aberta ou disfarçadamente, deixando ao leitor o prazer do

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: Girlaisouza@hotmail.com

desvendar. Talvez por isso seja um texto dos mais agradáveis de ler e uma forma extremamente eficaz de seduzir o aluno para a leitura.

A crônica é algo para ser lido enquanto se toma o café da manhã, pois ela busca o pitoresco ou o irrisório no cotidiano de cada um. É o fato miúdo: a notícia em que ninguém prestou atenção, o acontecimento insignificante, a cena corriqueira. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nessa perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança, num incidente doméstico, torno-me simples espectador. (SABINO, apud COSTA, 2008).

Trabalhar o gênero crônica como ferramenta didática é de grande importância, pois é capaz de mostrar ao leitor uma visão mais profunda dos fatos corriqueiros, além de fazê-los refletir sobre os acontecimentos. Por meio dela, o aluno torna-se capaz de relatar suas vivências cotidianas, fazendo uso de recursos literários como a ironia, a ficção e outros.

É notória a necessidade de utilizar o gênero textual crônica por ser um texto de tipo narrativo que possui certa facilidade em acessá-lo e por abordar assuntos ligados aos acontecimentos vivenciados no cotidiano social do educando ou do próprio autor deste. Por essas características e, principalmente, por sua brevidade, a crônica torna-se um gênero peculiar para que o professor possa incentivar, motivar e promover estratégias adequadas para o trabalho de produção textual.

Portanto, o desenrolar de aulas utilizando este gênero textual possibilitará ao educando adquirir conhecimento sociocultural através de leituras decodificadas, tornando-o produtor de seu próprio texto.

Partindo dessa problemática, o objetivo deste é desenvolver em sala de aula um trabalho com o gênero textual crônica a fim de praticar a leitura com o intuito de desenvolver o hábito da mesma, podendo assim estar aprimorando a escrita.

Para a construção deste trabalho, utilizamos como referencial teórico Marcuschi (2008), Bakhtin (1979), Dolz & Schneuwly (2004), Bazermam (1994), Bhatia (1993), Geraldi (2006), os PCN's (1998), dentre outros.

## 2 GÊNEROS TEXTUAIS E AS PRÁTICAS ESCOLARES DA LEITURA E ESCRITA

O termo gênero vem do latim *genus* que significa “família”, “tipo”, “espécie”, “classe”. Desde a antiguidade foram inseridos os estudos dos gêneros em nossa sociedade; esse estudo estava restrito principalmente ao campo literário. A ideia inicial de gênero começa com Aristóteles, para o mesmo os gêneros textuais se distribuíam em três categorias que hoje diz respeito a categorias literárias. A mesma se ampliou e subdividiu até entrarem em crise a partir do romantismo. “Hoje a noção de gênero ampliou-se para toda a produção textual” (MARCUSCHI, 2008, p. 15).

Para Bakhtin (apud MARCUSCHI, 1979) “gêneros são constituídos por enunciados relativamente estáveis de natureza histórica, sócio interacional e ideológica”. Esta afirmação gerou para muitos uma série de posições que levou à incongruência já que viam esta noção de “estabilidade” como fundamental para a afirmação da forma, apesar de que para Bakhtin era mais significativo o relativo do que o estável.

Já Bazermam (apud MARCUSCHI, 2008, p. 16),

Afirmava que apesar de nosso interesse em identificar os gêneros e classificá-los, parece impossível estabelecer taxonomias e classificações duradouras, a menos que nos entreguemos a um formalismo reducionista. Pois, as nossas identificações de formas genéricas sempre terão curta duração. As classificações são sempre recortes do objeto e não agrupamentos naturais por isso são sempre de base teórica.

Gêneros são o que as pessoas reconhecem como gêneros a cada momento do tempo, seja pela denominação, institucionalização ou regularização. Os gêneros são rotinas sociais de nosso dia-a-dia.

Para Marcuschi (2008, p.16) “gêneros são formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem”. Diante dessas afirmações, percebemos que é impossível estabelecer aos gêneros classificações duradouras, já que os mesmos são basicamente **flexíveis** e **dinâmicos** que se manifestam discursivamente através da língua. Flexíveis, pois se adaptam ao contexto em que estão inseridos de forma que estão sujeitos a originar novos gêneros: “Não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas”. (MARCUSCHI, 2008, p.16)

Dinâmicos, pois tem funções diferenciadas e vão surgindo de acordo com as necessidades da rotina da sociedade. Marcuschi (2008, p.22), “os gêneros surgem como desmembramentos de outros, de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias como o telefone, o rádio, a televisão e a internet”.

Por serem sócio históricos e variáveis, tornou-se muito difícil fazer uma classificação de gêneros, o que deixou de ser uma preocupação dos estudiosos. Hoje o que se procura mesmo é explicar como eles se constituem e circulam socialmente.

Marcuschi (2008) afirma que é impossível pensar em comunicação a não ser por meio de gêneros textuais (quer orais, quer escritos), entendidos como práticas socialmente constituídas com propósito comunicacional configuradas concretamente em textos.

Os gêneros não são estáticos, nem puros. O gênero é essencialmente flexível e variável, tal como o seu componente crucial, a linguagem. Pois, assim como a língua varia também, os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. (MARCUSCHI, 2008, p.16)

É necessário observar os gêneros olhando sempre para o seu lado variável, interativo, social. Evitando classificações, formas, estruturas. Os mesmos se adaptam ao contexto em que estão inseridos de forma que estão sujeitos a originar novos gêneros.

Em plena fase da cultura eletrônica com o rádio, a TV, o telefone, o computador e sua aliada a internet, testemunhamos a cada dia uma expansão de novos gêneros, e conseqüentemente, novas formas de comunicação na oralidade e na escrita. Assim sendo, texto não é apenas forma, o mesmo possui função comunicativa, cognitiva e institucional, pois o que as envolvem é um processo dinâmico e social.

Mais do que uma forma, o gênero é uma ação “tipificada”, que se dá na recorrência de situações que tornam o gênero reconhecível. Marcuschi (2008, p. 17). Conforme Carolyn Miller, “os gêneros são formas de ação e artefatos culturais, mas também são fenômenos linguísticos”. Sendo assim reveladores dos sujeitos produtores, de sua história e de suas crenças.

Em suma, os gêneros não são classificáveis como formas estáticas, puras e definidas nem como modelos estanques contendo estruturas rígidas, pois a teoria dos gêneros textuais entende que um texto não é apenas forma, mas uma

materialidade que possui função comunicativa. Devem ser considerados como entidades dinâmicas poderosas, flexíveis, variáveis, interativas na organização social. Segundo Bhatia (1993 apud MARCUSCHI, 2008, p.17) “os gêneros são formas de ação tática”.

Dependendo sob qual aspecto é observado, o gênero pode ser: uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura textual, uma forma de organização social, uma ação retórica.

O discurso tem o poder de criar um fato social. Nas palavras de Marcuschi, “um fato social é aquilo em que as pessoas acreditam e passam a tomar como se fosse verdade, agindo de acordo com essa crença”. A forma do discurso será determinada por ações de ordem comunicativa, mas, antes de tudo, a escolha do gênero discursivo se dá de fato por sua função e não por sua forma.

O gênero textual é a forma como a língua é empregada nos textos em suas diversas situações de comunicação, de acordo com o seu uso temos gêneros textuais diferentes. É importante lembrar que um texto não precisa ter apenas um gênero textual, porém há apenas um que se sobressai. Gêneros textuais são os textos encontrados no nosso cotidiano e apresentam características sócio comunicativas.

Existe uma infinidade de gêneros textuais, a saber:

- Romance
- Conto
- Artigo de opinião
- Receita culinária
- Lista de compras
- Carta
- Telefonema
- Aula expositiva
- Debate
- Reunião de condomínio
- E-mail
- Relato de viagem
- Lenda

- Fábula
- Biografia
- Seminário
- Piada
- Relatório científico

Os gêneros textuais são infinitos, não podemos definir a quantidade de gêneros textuais existentes, isso graças a sua natureza. Eles foram criados para satisfazer a determinadas necessidades de comunicação; assim sendo, podem aparecer ou desaparecer de acordo com a época ou as necessidades dos povos. Por isso, podemos afirmar que gênero é uma questão de uso.

O ensino com gêneros textuais é de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem da língua. Afinal, o trabalho em sala de aula com os diversos gêneros contribui para o aluno ter acesso à língua em funcionamento, o que permite ao aprendiz maiores condições para receber e produzir diversos textos.

A importância do estudo sobre o gênero textual está em ser impossível se comunicar sem ser por meio de um, pois toda a manifestação verbal sempre ocorre por meio de textos, realizada em algum gênero. Estes, por sua vez, atuam como forma de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio histórico com fontes de produção que lhes dão sustentação além da justificativa individual. Segundo Marcuschi (2008, p.22), “É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto”.

Os gêneros têm a possibilidade de ser um instrumento significativo para o processo de ensino-aprendizagem no espaço escolar, permitindo e facilitando o desenvolvimento das habilidades de oralidade e escrita pelos educandos, levando-os a adquirir uma visão diferente do funcionamento social da linguagem.

É perceptível que o trabalho com os gêneros textuais poderá levar os sujeitos a desenvolverem o prazer pela leitura e pela escrita, expondo em seus textos todos os seus conhecimentos construídos. Contudo, cabe ao professor apresentar e trabalhar com os alunos os gêneros textuais que circulam no cotidiano escolar e não escolar, permitindo que os mesmos ampliem sua capacidade de uso social da linguagem (oral e escrita).

O papel dos gêneros textuais tem sido reconhecido como essencial na interação sociocomunicativa e, em decorrência eles passaram a nortear o ensino da língua, especialmente o trabalho com análise, interpretação e produção de textos. Essa abordagem ajuda no desenvolvimento da competência linguística e discursiva e, conseqüentemente, amplia a participação social do indivíduo. “[...] a noção de gênero, constitutiva de texto, precisa ser tomada como objeto de ensino [...]”, (PCN, 2001, p.23).

### **3 O GÊNERO CRÔNICA: CONFIGURAÇÕES E CARACTERÍSTICAS**

A palavra crônica deriva do Latim *chronica* e do grego *khronos*, que significa tempo. O significado principal que acompanha esse tipo de texto é justamente o conceito de tempo. Sendo assim, a crônica objetiva relatar um ou mais acontecimentos do cotidiano em determinado tempo. Crônica é uma narrativa histórica que expõe os fatos seguindo uma ordem cronológica, texto curto de uma linguagem simples e coloquial, onde costuma abordar assuntos do cotidiano.

Para Arriguci Júnior (1987, p.52),

A crônica é o relato ou comentário de fatos corriqueiros do dia-a-dia dos fatos diversos, fatos da atualidade que alimentam o noticiário dos jornais, desde que esses se tornaram instrumentos de informação de grande tiragem no século passado.

As crônicas tratam da realidade do cotidiano, com linguagem despretensiosa e temas mais simples. Geralmente o autor utiliza poucos personagens ou até mesmo nenhuma dessas criaturas fictícias. O que importa mesmo, nesses textos, é a descrição de algo que ocorre no dia-a-dia de todos, ou seja, um acontecimento comum no cotidiano de cada um.

Sabino (1965, p.174), afirma que o texto da crônica é “recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência que a faz mais digna de ser vivida [...]”.

A crônica é um gênero textual de tipo narrativo que surgiu no início do século XIX, na época da escola literária modernista a partir de publicações em folhetins, eram publicados no rodapé a qual informava aos leitores sobre os acontecimentos daquele dia ou daquela semana, os quais tratavam de diversos assuntos presentes na vida diária social da época, mas tinha por principal finalidade distrair os leitores

lhes proporcionando momentos de distração através da imaginação e reflexão sócio crítica.

Segundo Bender e Laurito (1993, p.12),

A palavra crônica, no entanto, ainda que, posteriormente, viesse a abranger outros sentidos, permaneceu na língua portuguesa com o sentido antigo de narrativa vinculada ao registro de acontecimentos históricos.

Desse modo, alguns autores que compõem a literatura moderna e contemporânea se consagraram com a produção desta tipologia narrativa a exemplo de, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga, Luís Fernando Veríssimo.

Das duas espécies de folhetins publicados na imprensa do século XIX, a que deu origem ao gênero crônica – tal como o concebemos modernamente – foi o folhetim de variedades. E o que era este...? Nos rodapés dos jornais, ao mesmo tempo em que cabiam romances em capítulos, também cabia – ainda quando em outras folhas – aquela matéria variada dos fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo. (BENDER e LAURITO, 1993, p. 16).

Os cronistas eram conhecidos como folhetinistas, ou seja, aqueles que escreviam os folhetins de variedades nos rodapés dos jornais, apresentando ao público fatos da vida cotidiana.

A crônica não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou ferrar o chão da cozinha [...] (CANDIDO, 1992, p.6).

No século XX, a crônica brasileira distancia-se da crônica folhetim originada na França, com as mudanças que ocorreram na sociedade, os autores modernistas percebem a necessidade de mudar a linguagem e a estrutura folhetinesca. Essa modernização social implica na mudança de comportamento do cronista diante dos fatos, por esse motivo, passou a interpretá-los de forma subjetiva.

Nessa época, esse gênero passou a ser publicado também em livros. Nesse novo suporte, o leitor passa a ter um diferente direcionamento diante do texto. Para Sá (1985, p.85), o leitor do jornal, além de se envolver com outras matérias periódicas, é mais apressado, já o do livro mais seletivo e reflexivo.

Além disso, a maneira de produzir sentido também muda. Na página do jornal, a crônica está rodeada de diversas matérias jornalísticas. Nesse contexto, o leitor não conhecendo o assunto dialoga com os outros textos impressos, isso facilitará a compreensão. No contexto de um livro, o leitor deve recorrer a seus conhecimentos prévios, à sua memória discursiva para produzir sentido necessário. Acerca disso, Sá (1985, p. 83) afirma que:

A crônica está no centro do jornal basta-nos, porém mostrar que a interpretação, nesse caso fica ligada a página como um todo. Quando for publicada em livros, teremos que observar novo contexto e suas prováveis significações novas.

Este gênero textual possui uma linguagem simples, objetiva, clara, coerente e coesa, permitindo ao leitor competente e reflexivo identificar as informações que se encontram implícitas no texto. É considerado um texto curto, de fácil compreensão e por conta disto, sua utilização em sala de aula contribuirá de maneira prazerosa para despertar no educando o gosto pela leitura autônoma e que ele se torne um leitor crítico-reflexivo.

Portanto, compreende-se que é um texto curto e próximo do leitor, uma forma rotineira revelando os fatos do dia com um tom emocional. Assim sendo, as crônicas são um ótimo instrumento a ser usado para estimular a leitura e a escrita.

#### **4 O USO DA CRÔNICA EM SALA DE AULA**

Partindo do pressuposto de que o processo de fala e escrita são duas práticas sociais interacionais, percebe-se a partir desta que o desenvolvimento da prática de leitura e escrita se faz necessário desempenhar em sala de aula para que o educando possa adquirir habilidades, como interpretar, analisar, compreender, recriar, redigir, construir e reconstruir, de forma coerente e coesa, a linguagem textual no ambiente social em que convivem. A crônica é um gênero textual rico para ser trabalhado na escola, pois aborda temas relacionados à realidade social, com os quais os alunos se identificam.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), a introdução de um gênero no ambiente escolar possibilita uma diversidade de objetivos para o processo da aprendizagem. Um deles é dominar o gênero exposto no momento da dinâmica da aula para melhor conhecê-lo, compreendê-lo para assim, produzi-lo de maneira

positiva na escola ou fora dela; outro objetivo é que, utilizando o gênero, o educando pode desenvolver o ato comunicacional e dominá-lo a partir de sua capacidade de entendimento individual.

Sabemos que a falta da prática de leitura e escrita é a realidade encontrada no ambiente educacional, faz-se necessário à utilização dos gêneros textuais para proporcionar ao educando um contato direto com os diversos tipos de gêneros existentes em seu cotidiano diário. Sendo assim, trabalhar as atividades de leitura e escrita em sala de aula focada nos gêneros textuais é uma forma de possibilitar ao aluno o aprimoramento de sua competência oral e escrita, pois ele estará partindo de situações comunicativas que estão próximas de sua realidade diária. A crônica é um gênero textual que está ligado à vivência do dia-a-dia do aluno e também possui uma linguagem simples que aproxima este das práticas de leitura e escrita no universo escolar de forma prazerosa e espontânea.

O uso deste gênero no ambiente escolar possibilitará ao educando um desenvolvimento sócio-reflexivo, seja este através da produção da leitura oral ou escrita. Dessa forma, no ambiente educacional, o professor enquanto orientador pode, de maneira positiva, incentivar o aluno a se tornar um leitor autônomo. Segundo Geraldi (1997), existem diversas formas para se desenvolver uma leitura e com esta, na maioria das vezes, ficam várias informações implícitas no texto para serem identificadas pelo leitor/autor. Desse modo, a leitura do tipo fruição do texto pode ser a de maior importância, pois com esta o leitor pode realizar a leitura do gênero crônica de forma rápida, individual e espontânea.

O gênero crônica, como ferramenta didática, é de grande importância, pois é capaz de mostrar ao leitor uma visão mais profunda dos fatos corriqueiros, além de fazê-los refletir sobre os acontecimentos. Por meio dela, o aluno torna-se capaz de relatar suas vivências cotidianas.

Por apresentar uma narrativa curta, focada em temas cotidianos, as crônicas trazem um texto muito acessível do ponto de vista de leitura e da produção escrita. É por isso que as crônicas são um excelente ponto de partida para o exercício de leitura e escrita em sala de aula, a mesma aborda a realidade do cotidiano, com linguagem despretensiosa e temas mais simples.

Assim, a utilização do gênero textual crônica em sala de aula incentivará no educando uma aprendizagem sociocultural maior, pois o ato de ler em sala de aula

deve ser algo prazeroso ao educando, assim ele mesmo, sob orientação do professor, deve escolher o tipo de leitura que mais lhe agrada.

É de extrema importância que o professor utilize os gêneros textuais em sala de aula como ferramenta didática e isto é defendido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) ao declararem a imprescindibilidade do investimento no trabalho com gêneros textuais em sala de aula e pelos (PCN, 1998) ao defenderem que os alunos devem ser capazes de ler textos de diferentes gêneros, a realidade parece estar um pouco distante do que se deseja.

Por isso, é que esse gênero deve ser lido, produzido, analisado e discutido em sala de aula, pois fará com que os alunos reflitam a respeito dos problemas que enfrentam no dia-a-dia e sejam capazes de encontrar soluções para resolvê-los, contribuindo com a formação de uma sociedade crítica e reflexiva.

## **5 UMA PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO MÉDIO**

A leitura é um dos objetivos fundamentais da atividade pedagógica, a qual possibilita que o aluno entre em contato com inúmeras informações e conhecimentos. Afinal, todas as pessoas estão em contato com uma infinidade de textos a todo o momento, sejam anúncios em jornais, bulas, avisos, receitas, manuais, ou mesmo, obras literárias.

A leitura é considerada de uso social, uma vez que os textos servem para informar, instruir ou dar prazer. No entanto, ajudar o aluno a desenvolver o gosto pela leitura é um desafio para os educadores atuais. Garcia (1992, p. 31) afirma que os educadores devem “[...] praticar a leitura, capacitando o leitor a desenvolver o gosto pela leitura”, que conseqüentemente poderá obter o hábito da leitura e, assim, podendo estar aprimorando a escrita.

É preciso oferecer aos alunos a oportunidade de leitura, de forma convidativa e prazerosa. É nesse sentido que o incentivo à leitura desempenha um importante papel, isto é, conduzir os alunos ao desconhecido, ao um mundo novo de informações e, na escola, cabe ao professor incentivar os alunos a desenvolver o gosto pela leitura, apresentando para os alunos diversos livros, fazendo com que sejam capazes de ler textos diversificados, bem como fazer leituras em lugares diferentes, assim, desenvolvendo atividades para criar condições excelentes de ambiente de leitura.

Com isso, possibilitamos que os alunos adquiram mais conhecimentos, para que possam desenvolver uma escrita com muito mais informação. Ter acesso à boa leitura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura, possibilitando que se tenha a leitura com um hábito que faz parte do cotidiano, dessa forma, fazendo com que sempre se mantenha os conhecimentos atualizados.

Por isso, deve-se estimular o aluno a uma leitura prazerosa, no qual ele tenha liberdade para escolher o que quer ler, assim pode-se pensar em um futuro com mais leitores críticos e satisfeitos com o ato de ler, sendo que, através da leitura o indivíduo estará obtendo informações e, ao mesmo tempo, estará interagindo com a sociedade em que vive e também com o mundo.

A leitura ainda não se tornou uma prática social efetiva entre os brasileiros. A escola, como espaço privilegiado de transmissão do saber, exerce um papel importantíssimo na constituição de um leitor, pois a maneira como esta instituição orienta as atividades de leitura de seus alunos pode ou não favorecer a formação do gosto e do hábito da mesma.

Desse modo, faz-se necessário trabalhar a leitura e escrita no ensino médio, levando os alunos a adquirir uma competência de leitura que ultrapassa a simples decodificação e oralização de textos escritos.

Para trabalhar com ênfase a leitura e escrita foi escolhido o 1º ano B e C do Ensino Médio da E.E.E.F. M Dr. Tercílio Teixeira da Cruz, localizada na cidade de Tacima – PB, onde hoje me encontro como professora de Língua Portuguesa, tendo como diretora Amanda Luiza e vice-diretora Neide Quirino, ambas sempre à disposição a ajudar para o melhor do alunado.

Antes de adentrar nas práticas metodológicas, faz-se necessário apresentar um panorama sobre as condições físicas da escola e principalmente das salas de aulas, já que as condições de trabalho do professor influenciam diretamente em suas práticas de ensino. O ambiente escolar é composto por um amplo espaço (geral) e boas condições físicas. No entanto, não há uma quadra de esportes adequada, a biblioteca é pequena e com baixo acervo de livros, a única sala de informática que tem não está em funcionamento, há poucos recursos didáticos, contando apenas com o livro didático e um datashow.

Sobre as salas de aula, a sala da turma do 1º ano B é bem espaçosa, ventilada, iluminada, comportando adequadamente os 31 alunos da classe. A sala

da turma do 1° C já é menor, mas o número de alunos, 27, também é reduzido. Esta também é iluminada e ventilada adequadamente, não havendo nenhum problema físico e de localização que dificulte o trabalho de ensino-aprendizagem.

Feita esta rápida descrição, passamos a analisar a inserção da prática de leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa, que se deu a partir do trabalho com o gênero crônica em sala de aula. Esta inserção em sala de aula foi feita, de início, apresentando às turmas o gênero textual crônica: significado, conceitos, estrutura e características. Logo após esta parte introdutória, tiveram como suporte para as leituras compartilhadas o livro *"Para Gostar de Ler: Crônicas"* (1978), com textos de vários autores, publicado pela Editora Ática.

Os textos foram bem recebidos pelas turmas. As leituras foram feitas de forma cativante. A cada crônica a ser lida, dividíamos quem seriam os personagens e quem seria o narrador e os alunos ficavam radiantes com tudo isso, pois a leitura compartilhada oferece reflexão e debate feito.

O objetivo é trabalhar a leitura, porque a mesma nos proporciona uma oportunidade reflexiva, tornando-nos leitores mais sensíveis, dotados de um olhar mais crítico, mais apurado, mediante a realidade que nos cerca. Parece que quando aprendemos a ler além do visível, passamos a enxergar a leitura com outros olhos, conseqüentemente, assim, ela fará mais sentido para nós e, a partir dela, a produção textual também melhor se opera.

Para auxiliar a leitura e a escrita em sala de aula, trabalhando com o gênero crônica, tivemos como apoio a 5° edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, *Escrevendo o Futuro*. A mesma promove um concurso de produção de textos para alunos do 5° ano do ensino fundamental ao 3° ano do ensino médio, trabalhando os gêneros: poema, memórias literárias, crônica e artigo de opinião. E para o 1° ano do Ensino Médio foi trabalhado o tema proposto, "Do lugar de cada um, o saber de todos nós". O objetivo do tema é que os alunos abordassem situações do lugar em que se vivem, auxiliando-os a estreitar vínculos com a comunidade e aprofundar o conhecimento sobre a realidade, contribuindo para o desenvolvimento de sua cidadania.

O programa Escrevendo o Futuro entende a leitura e escrita como práticas sociais: a língua é viva e usada a todo instante, na família, na escola, no trabalho, na comunidade. Nesse sentido contribui para a melhoria do ensino

da leitura e escrita nas escolas públicas de todo o país, por meio de ações de formação para educadores envolvidos no ensino de língua portuguesa.<sup>2</sup>

Para trabalhar o gênero em sala, recebe-se a coleção da Olimpíada em versão virtual, ampliando o diálogo da escola com a cultura digital. Esta versão é desenvolvida para orientar o professor e o aluno na produção de textos.

O caderno virtual recebido contém: **caderno do professor** que traz uma sequência didática, organizada em oficinas, com atividades de leitura e escrita; **ferramentas interativas** que oferecem possibilidades, como fazer anotações e grifos ao longo do texto, além de um sistema de busca por palavras que facilita a organização do (a) professor (a); **recursos multimídia** textos para projeção, áudios e vídeos, e por fim, os **jogos de aprendizagem** que buscam tornar o aperfeiçoamento da escrita em gêneros textuais colaborativos, interativos e divertidos.

Após ter trabalhado toda a sequência didática, chegou o momento de produzir. Os textos produzidos passaram por uma seleção que será feita pela comissão julgadora escolar, que é composta pelo diretor da escola, representante de Língua Portuguesa, representantes dos pais de alunos e representantes da comunidade a qual selecionará o melhor texto a ser enviado para a comissão julgadora Municipal por meio eletrônico e pelos correios.

O texto selecionado pela comissão julgadora escolar, na categoria crônica, e que foi enviado para a etapa municipal foi a produção de uma aluna do 1º ano C, intitulada “Raízes”. Antes de transcrevermos o texto selecionado pela comissão, apontamos os critérios obedecidos pela produção.

## 5.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A seleção das produções dos alunos foi feita pela comissão julgadora escolar, seguindo os seguintes critérios:

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/concurso>

Critérios	Pontuação	Descritores
Tema "O lugar onde vivo"	1,0	A crônica se reporta, de forma singular, a algum aspecto do cotidiano escolar.
Adequação ao gênero	3,0	<p>Adequação discursiva</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O texto aborda aspectos da realidade local?</li> <li>• Traz algum detalhe do cotidiano a partir de uma perspectiva pessoal e/ou inusitada do autor?</li> <li>• O fato narrado foi descrito de modo interessante para o leitor a que se dirige?</li> <li>• A forma de dizer do autor é construída como a de alguém que comenta algo que lhe chamou a atenção ou o fez pensar?</li> <li>• As ideias e conteúdos apresentados contribuem para construir o tipo de crônica escolhido (política, cultural, esportiva, poética...)?</li> </ul> <p>Adequação linguística</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A situação que gerou o texto foi narrada de maneira clara e de modo a envolver o leitor?</li> <li>• Os recursos linguísticos selecionados (vocabulário, figuras de linguagem etc.) contribuem para a construção do tom visado (irônico, divertido, lírico, crítico etc.)?</li> <li>• O texto é coeso? Os articuladores textuais são apropriados ao tipo de crônica e são usados adequadamente?</li> </ul>
	2,5	
Marcas de autoria	2,0	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O autor se posiciona como alguém que quer surpreender o público para o qual escreve, com um olhar próprio e peculiar sobre algo cotidiano e conhecido?</li> <li>• As ideias e conteúdos apresentados estão organizados para seduzir, fazer refletir, mobilizar, criar cumplicidade com o leitor?</li> <li>• Ao escrever o texto, o autor considerou diferentes leitores?</li> <li>• O título da crônica motiva a leitura?</li> </ul>
Convenções da escrita	1,5	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A crônica atende às convenções da escrita (morfossintaxe, ortografia, acentuação, pontuação), levando em conta o leitor construído no texto?</li> <li>• O texto rompe convenções da escrita (por exemplo, marcas de oralidade ou de variedades linguísticas regionais ou sociais) a serviço de produção de sentidos no texto.</li> </ul>

No total, foram 25 produções produzidas pelos alunos do 1º ano B e C. Depois de produzidos e entregues, os textos passaram por uma primeira seleção, que foi feita pela comissão julgadora escolar e que, após observar os critérios acima em relação ao gênero textual crônica reportando ao tema "o lugar onde vivo", foi escolhido o texto "Raízes", de uma das alunas do 1º ano C, abaixo transcrito:

### Raízes

Tenho orgulho de ser quem sou nunca neguei minha origem, nem muito menos minha árvore genealógica. Certo dia, caminhando em direção ao sítio onde morei durante a minha infância, encontrei com uma mendiga egocêntrica, atrevida e prepotente; que apesar de não ter onde dormir me discriminou cruelmente, zombando do meu jeito de ser, e da minha cultura “sem gênero”, como dizia ela...

- Como você se atreve a pisar em minha cama? Gritou a mendiga, referindo-se a um saco que estava estirado ao chão.

- Me desculpe, não percebi que havia alguém morando aqui. Falei, com tranquilidade; respeito e desejo de cumprimentá-la. Porém a mesma retrucou dizendo:

- Você e esse fim de mundo têm muito em comum; essa alegria sem motivo, a forma impressionante de querer se superar esse seu jeito de saber me irritar sem mesmo abrir a boca ou fazer gestos, entre esses e muitos outros motivos me causam ânsia.

- Acho que você tem problemas, pois nunca havia visto pessoa tão cheia de si como você, que me julga sem sequer me conhecer.

Tentava ser amigável, com aquela mendiga que nitidamente levava tristeza, rancor e abandono em seu rosto e em seu comportamento.

-Tenho que ir para casa, preparar o almoço. Disse eu, olhando para ela com o coração apertado (pois apresentava fome até nas vestes) e piedosa a convidei:

-Acompanhe-me, vamos almoçar? Sempre que quiser pode vir, pois temos lugar para mais um à mesa.

A jovem mendiga desesperada por um prato de comida, aceitou sem demora ao meu convite, mais não pôde deixar seu preconceito de lado.

- Podemos ir, mostre-me o caminho, e rápido!

- Venha por aqui, acompanhe-me Por favor!

Ao chegarmos a casa, ela surpreendeu-se ao ver crianças correrem de pés descalços com tanta animação, que pareciam estarem em festa; tendo como cenário uma terra seca, um sol escaldante, cactos, pedras e calor...

Então ela perguntou:

- Como eles podem ter harmonia em um lugar como esse? Com uma vida como essa? Expressou surpresa e curiosidade.

- Simples! Temos esperança ao invés de revolta, temos amor ao invés de fome, temos fé ao invés de desespero, entre tantas outras situações...

Após este episódio, a jovem mendiga começava a ver a vida com outros olhos, observou, refletiu e finalmente se deu conta de que, nada do que fazia antes, adiantava para ela. E aquele povo, aquele lugar, aquela situação que tanto ela desprezava, tornaram-se inspiração e admiração para seguir com mais razões para valorizar nossas raízes.

O texto, após passar pelas devidas reescritas, irá se adequar aos critérios impostos para o gênero. A satisfação de uma atividade como esta está, sobretudo, no reconhecimento do gênero textual e na construção formal e temática relacionada a ele.

Seguem-se abaixo outras duas produções que se encaixam e obedecem aos critérios solicitados; produções essas do 1º ano B e do 1º ano C, respectivamente.

### O homem que trabalha em um ônibus

Certo dia, andando de ônibus com meus pais, uma situação me chamou a atenção: um homem de pouca condição – dava para ver pelas roupas e pela simplicidade – trabalhando para ganhar seu ganha pão. Entrou no ônibus, cumprimentou o motorista e o cobrador como de costume:

- E aí, cobrador!

- Como vai motorista? –Perguntou com o sorriso no rosto passando por baixo da roleta, pois não tinha como pagar a passagem.

Entrou no ônibus e começou a fazer rimas:

- Eu poderia estar roubando ou fazendo coisa ilegal, mas estou aqui cantando para ganhar o meu real. – Tocando um pandeiro, cantou.

Algumas pessoas que estavam no ônibus ajudaram o pobre homem com algumas moedinhas. Ele, feliz e contente, continuou a fazer suas rimas. E eu comovida com a situação, coloquei também dinheiro no chapéu do homem.

Saindo ele do lugar com alguns trocados, fiquei me perguntando: porque esse homem faz isso? Porque não trabalha em um emprego melhor? Será que tem família? Filhos e mulher para sustentar? Como sobrevive ganhando tão pouco? Refleti: Coitado desse homem vive cada dia assim, sendo sempre grato pela vida, no seu lugar, fazendo do ônibus um local de trabalho.

Naquele momento, pensei em quantas vezes deixo de agradecer pelo que tenho e reclamo de tão pouco. Imaginei que não só este homem, mas que em todo o Brasil e em todo o mundo, existem pessoas passando por este tipo de situação. Mulheres, crianças, jovens e até mesmo idosos, uns trabalhando e ralando para ganhar o pão de cada dia como este homem. Outros mendigos que não tem onde morar ou até mesmo não tem nenhuma oportunidade para fazer ao menos um “bico” – que já ajudaria.

E este homem com o talento que Deus deu, de fazer rimas consegue sobreviver; e acima de tudo agradecer, E sempre com o sorriso no rosto.

### **Gratidão**

Em uma noite de natal em que eu e minha família ceávamos, nos deparamos com uma cena de partir o coração, um pai com seus três filhos descalços, apresentavam estar com fome e aguardavam o culto terminar para um jantar que haveria na igreja.

Fazia frio, pois estava bonito para chover, vendo a situação daquela família chamamos e oferecemos um prato de arroz e estrogonofe que minha mãe preparou, eu e minhas irmãs pegamos algumas sandálias que não usávamos mais e doamos para eles, assim não ficariam mais descalços no chão frio.

Minha mãe ofereceu chocolates que havia comprado e algo lindo aconteceu naquela noite de natal, um sorriso de orelha a orelha de todas as três crianças e de seu pai, sorriso que representava gratidão... Gratidão e amor ao próximo.

Uma noite de natal que ficará para sempre em nossas memórias e que a cada novo natal, nos lembraremos daqueles sorrisos e cearemos com mais alegria, pois Jesus nos ensinou que devemos amar o próximo como a nós mesmos.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do exposto, observamos que a crônica é um gênero peculiar, que humaniza e dialoga com o leitor através do coloquialismo e linguagem simples. Devido a esses traços específicos que a aproximam do nosso cotidiano, entendemos que o trabalho com a crônica em sala de aula contribui de maneira significativa para o ensino de língua portuguesa e literatura, funcionando como um ótimo recurso para o estímulo à leitura e à produção textual.

Trata-se de um gênero importante por ter grande aceitação e circulação social. Com este trabalho, espera-se que os alunos conheçam as características desse gênero, tornando-os leitores mais reflexivos, mais críticos, preparando-os para utilizar sua língua nas situações mais diversas da vida cotidiana.

Constata-se, assim, que trabalhar o gênero crônica em sala de aula é de grande eficiência ao propósito de despertar o aluno que se encontra na etapa final

da educação básica ao interesse pelo texto escrito. Portanto, sendo a escola o alicerce dessa competência comunicativa, as orientações à leitura e produção de texto – mediadas pelo gênero crônica – contribuirão de forma significativa para o bom andamento do alunado.

Cabe, pois, ao professor, enquanto mediador do saber, a tarefa de conduzir os alunos ao contato com os gêneros que estimulem o interesse pela leitura e escrita, promover estratégias de ensino adequadas a cada situação identificada, efetuar práticas que possam ajudar a despertar o interesse dos jovens pelos textos escritos. No entanto, sendo o professor um mediador em sala de aula, pode servir-se de práticas pedagógicas que levem os alunos ao interesse pelo texto escrito, provocando nos jovens o interesse pela leitura, organizando nas salas de aula oficinas de leitura e produção de textos a partir de uma ou mais crônicas.

Portanto, formar leitores através de textos é de fundamental importância para enriquecer e ampliar o universo cultural do educando. Utilizar o gênero textual crônica é essencial para incentivar os alunos a praticar a leitura, pois a mesma possui todos os requisitos necessários para tornar a leitura um hábito agradável. Sendo assim, os alunos serão levados a observar as características e funções sociais da crônica, bem como será levado ao prazer da leitura e da escrita, tornando-as um hábito.

## REFERÊNCIAS

ARRIGUCI JR., David. **Fragmentos sobre a crônica**. In: **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 (PP 51-66).

BENDER Flora; LAURITO Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. In: **Para gostar de ler – Crônicas**. São Paulo: Ática, 1992.

DIONISIO, Angela Paiva. MACHADO, Ana Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros textuais e ensino** - 5º ed. – Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

GERALDI, João Wanderley. ALMEIDA, Milton José de. [et al]. **O texto na sala de aula**. 4º ed. São Paulo: Ática, 2006.

KARWOSKI, Acir Mário. GAYDECZKA, Beatriz. BRITO, Karim Siebeneicher (orgs). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Maria Vanda. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: contexto, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

SABINO, F. et al. **Para gostar de ler: crônicas**. São Paulo: Ática, 1978.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 2007.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.